

## Editorial

# Heidegger e o destino da fenomenologia

Bento Silva Santos

*Departamento de Filosofia – Universidade Federal do Espírito Santo – UFES*

O presente *Dossier* traz diversas contribuições valiosas e divergentes seja sobre o próprio pensamento de Martin Heidegger com base em sua apropriação da fenomenologia e radical transformação posterior, seja sobre o seu mestre Edmund Husserl. Desde os primórdios de seus caminhos de pensamento, quando então exercia sua primeira fase de docência na Universidade de Freiburg de 1919 a 1923 como assistente de Husserl, Heidegger estava ainda em um *syn-philosophein* com seu mestre, mesmo no âmbito de tensões e críticas à fenomenologia. Mas a ruptura flagrante de Heidegger com o ideal husserliano de uma filosofia como ciência rigorosa, isenta de pressupostos, transparente e neutra, aparece explicitamente durante o período de docência como professor extraordinário na Universidade de Marburg (1923-1928). Por exemplo: de um lado, no curso do semestre de inverno de 1923-1924 intitulado *Introdução à investigação fenomenológica* (GA 17)<sup>1</sup>, Heidegger mostra um distanciamento expressivo em relação à fenomenologia de Husserl não só com a crítica às obras do mestre (*Logische Untersuchungen e Ideen I*), mas também através da “destruição” tanto ao “ponto de partida” (*im Ansatz*) quando ao “escopo” (*im Ziel*) da fenomenologia de Husserl: a apropriação husserliana de René Descartes. Deste último Husserl teria retomado duas ideias norteadoras: “a ideia da filosofia enquanto ciência autofundada fundadora última e unificadora da totalidade das ciências, e a ideia da subjetividade transcendental, solo de todo saber dotado de verdadeira cientificidade”<sup>2</sup>. De outro lado, o lugar exato do parricídio heideggeriano se dá durante o curso do semestre de verão de 1925 intitulado *Prolegômenos para uma história do conceito de tempo*: Husserl terá *omitido* a questão do “ser” do “ente intencional” (a existência humana e seus comportamentos) e ao mesmo tempo terá *ignorado* a “questão do ser em geral como tal” (dando por óbvio a visão tradicional segundo a qual “ser” significa

---

<sup>1</sup> Cf. M. HEIDEGGER, *Einführung in die Phänomenologie Forschung* (WS 1923/1924) (GA 17). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1994 (2006).

<sup>2</sup> CH. PERRIN, *Entendre la Métaphysique. Les significations de la pensée de Descartes dans l'oeuvre de Heidegger*. Louvain-Paris: Peeters, 2013, 91.

“presença” [*Vorhandensein*] e crendo que o maximamente presente – a essência e a vivência – é o que fundamenta tudo aquilo cuja presença não seja tão clara nem completa, etc.)<sup>3</sup>. Por fim, logo após a publicação de seu *opus magnum* “Ser e Tempo” em 1927, quando retorna à Universidade de Freiburg, no semestre de inverno de 1928-1929, como professor catedrático de filosofia para ocupar a vaga de Husserl, o seu discurso inaugural *O que é metafísica? (Was ist Metaphysik?)* – enquanto ato formal de sucessão a Husserl –, Heidegger realiza novamente uma crítica a Husserl com a retomada do problema da essência da metafísica como pergunta-norteadora relativa *ao ente enquanto ente* e não em termos historiográficos. Enquanto idéia de uma filosofia alternativa à do mestre Husserl, a novidade da posição crítica de Heidegger aqui no discurso inaugural reside fundamentalmente no “modo de entender a motivação originária da qual surge a postura filosófica, ou seja, o questionamento do ente na sua totalidade e a pergunta metafísica que se segue”, afirma Franco Volpi<sup>4</sup>. Portanto, diferentemente de Husserl, a interrogação filosófica para Heidegger brota de uma espécie de *conversão* que não é produzida pelo homem através de um ato intelectual deliberado (como sucede na *epochē* husserliana com base na atitude filosófico-fenomenológica), mas “acontece na existência tocando-a em sua constituição emotiva profunda”<sup>5</sup> a fim de interrogar-se acerca do sentido do ente em seu conjunto, sobre o “quid est” e o seu ser: a “angústia”, como estado de ânimo fundamental, ontologicamente revelador, torna possível a experiência radical do ente em sua totalidade e da sua negação, isto é do, Nada<sup>6</sup>.

Por volta do ano de 1935 se consuma a “virada” (*die Kehre*) do pensamento de Heidegger no qual reconhece a prioridade do Ser sobre o pensar, mesmo admitindo que o termo alemão *Kehre* tenha outros sentidos possíveis. Depois da renúncia à demonstração fenomenológica quando o pensamento sobre o Ser – o qual toma a iniciativa de ocultar-se e desocultar-se – se converte em uma “recordação” (*Andenken*) no discurso tardio de Heidegger, como entender o destino da fenomenologia com base nos caminhos de pensamento percorridos? Ora, em “Meu caminho para a fenomenologia” de 1963, um dos últimos textos publicados

---

<sup>3</sup> M. HEIDEGGER, *Prolegomena zur Geschichte des Zeitbegriffes* [SS 1925] (*GA* 20). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1975, 157.179.178.

<sup>4</sup> F. VOLPI, *La selvaggia chiarezza. Scritti su Heidegger*. Milano: Adelphi, 2011, 218.

<sup>5</sup> F. VOLPI, *La selvaggia chiarezza*, 219.

<sup>6</sup> Cf. M. HEIDEGGER, *Was ist Metaphysik?* [1929]. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1986.

em 1969 em *Zur Sache des Denkens*<sup>7</sup>, o próprio Heidegger reflete sobre isso ao declarar o seguinte: “naquilo que lhe é mais próprio, a fenomenologia não é um movimento [ou escola]. Ela é a possibilidade do pensamento, que periodicamente se transforma e somente assim permanece, de corresponder ao apelo do que deve ser pensado”<sup>8</sup>. Na medida em que o pensamento se articula junto às *coisas mesmas*, a fenomenologia como possibilidade assume diversas cores, tal como sucedeu com o impacto das fenomenologias husserliana e heideggeriana na história de sua recepção na França, por exemplo, com Maurice Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre, Emmanuel Levinas, Michel Henry, Jean-Luc Marion, etc. Como bem observou Günter Figal, do ponto de vista de sua possibilidade “mais própria”, “a fenomenologia torna-se anônima. Ela é o inominado e, portanto, geralmente também o desconhecido – em todo pensamento, mesmo que, na direção filosófica que Heidegger atribui a si mesmo, ela tenha ingressado, por um tempo limitado, na familiaridade do nomeado”.<sup>9</sup> Se a fenomenologia for reconhecida em sua essência, enquanto possibilidade do pensar, então ela se tornará universal. Portanto, continua ainda Figal, “o anônimo ‘mais próprio’ da fenomenologia não apenas constitui o futuro da fenomenologia; é também já o seu passado e, enquanto tal, o passado de toda a filosofia. Porquanto a filosofia vive com base no seu começo grego, toda a filosofia tem sido, em última análise, fenomenologia, sem ter sido reconhecida e nomeada como tal”<sup>10</sup>.

Enfim, agradecendo aos (às) colaboradores (as) do presente *Dossier*, desejo que os (as) leitores (as) cheguem, com base na contribuição do pensamento de Heidegger, interpretado em vários artigos aqui publicados, a “ver a experiência fenomenológica não como um método científico, mas como uma possibilidade fundamental da vida humana”.<sup>11</sup>

---

<sup>7</sup> M. HEIDEGGER. *Zur Sache des Denkens*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1969, 81-90: “Mein Weg in die Phänomenologie”. Trad. bras: M. HEIDEGGER, *Sobre a questão do pensamento*. Petrópolis: Vozes, 2009, 75-93.

<sup>8</sup> M. HEIDEGGER, *Sobre a questão do pensamento*, 93.

<sup>9</sup> G. FIGAL, *Fenomenologia. Heidegger depois de Husserl e dos gregos*, In: DAVIS, B.W. (ed.). *Martin Heidegger. Conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 2020, 60.

<sup>10</sup> G. FIGAL, *Fenomenologia. Heidegger depois de Husserl e dos gregos*, 60.

<sup>11</sup> G. FIGAL, *Fenomenologia. Heidegger depois de Husserl e dos gregos*, 63. No quadro de um Editorial não posso tratar da relação complexa de Heidegger com seu mestre Husserl. Reconheço que, à luz das evidências textuais proporcionadas seja pela publicação de manuscritos husserlianos no quadro da *Husserliana*, seja pelas *obras completas (Gesamtausgabe)* de Heidegger, não é mais possível sustentar uma imagem simplificada de ambos os pensadores. Em todo caso, a opção aqui consistiu em destacar a crítica heideggeriana ao programa de Husserl.